

2
5-1913
Part. 6
CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

NOTAS AOS SONETOS ANONYMOS

Extrait de la *Revue Hispanique*, Tome VII.

PARIS

1900



Class. 54 10

COMPRA

L

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

5193



NOTAS AOS SONETOS ANONYMOS

P. 76739

of 6

Extrait de la *Revue Hispanique*, Tome VII.

8

PARIS

1900

~~25715~~



1871

NOTAS AOS SONETOS ANONYMOS¹

I. Cuitado que en un punto lloro y rio (112)

O verso 12 está evidentemente errado, pois repete a rima do primeiro. Ainda que não houvesse outros textos que o documentassem, devíamos lêr : *querria que se viesse lo invisible*. No segundo parece-me preferível a lição : *espero y temo, quiero y aborrezco*.

Este soneto não era inedito, nem é privativo do ms. explorado por R. Foulché-Delbosc (M. 4. da Bibl. Nac. de Madrid), tendo já sido attribuído repetidas vezes a um auctor peninsular, de luzidissimo renome, reconhecido como o melhor de todos, não só pelos seus compatriotas. Tanto a redacção castelhana, como a portuguesa estava impressa, e foi vertida para varias linguas.

A castelhana acha-se na *Agudeza* de Gracian², o qual a considerava como bom exemplo de contraposições artificiosas que, conglobadas, e acabando com habil exaggeração dos sentimentos do poeta, produzem um conceito muito plausivel. Eis as variantes : 1. *de un punto* (lição que creio errada); 2. *espero, temo, quiero y aborrezco*; 5. *estando ciego guio*; 8. *y yo porfio*; 9. *querria hazer possible lo impossible*; 10. *querria poder mudarme*; 11. *lo invisible*.

Segundo informação de K. Vollmöller (em *Zeitschrift*, III, 80) a mesma, ou pelo menos uma redacção que principia com

1. *Revue hispanique*, VI, pp. 328-407.

2. *Discurso XLII*, a p. 239 da edição de 1661.

verso identico, figura anonyma no Cancioneiro de Oxford (*All-Souls*, nº 189, a. f. 19º). Como não possuo copia, ignoro se ha divergencias. Mas haurida como foi em uma fonte archaica, visto o ms. ser do sec. XVI, seria proveitoso averiguar, se por ventura contém uma ou outra das lições que julgo deverem ser as legitimas da primitiva : 2. *espero y temo* ; 5. *estoy ciego* ; 7. *callo y doy voces* ; 10. *poder mudarme* ; 12. *lo invisible*.

A ambas essas fontes já me referi no *Circulo Camoniano* (I, 10) num artiguinho, cujas provas não me foram enviadas, e que sahiu quasi incomprehensivel, de deturpado.

A redacção portuguesa, publicada meio seculo antes de Gracian, corre desde 1616 nas obras de *Camões*, i. é desde que o livreiro Domingos Fernádes, ajudado pelo bispo D. Rodrigo da Cunha, juntou rimas ineditas do grande lusitano ¹. Como aconteceu com quasi todos esses versos lyricos, colhidos pouco a pouco em codices derivados, foi successivamente modificada pelos editores.

Na mais antiga impressão, o soneto apresenta-se em redacção certamente não retocada, e que se aproxima bastante das castelhanas — abstracção feita dos muitos erros que a deturpam — pois diz :

Coitado que em *algum tempo* choro e rio,
espero, *temo e quero* e aborreço,
juntamente me alegre e entristeço,
de hũa cousa confio e desconfio.

Avoo sem asas, *estou* cego e guio,
e no que valho mais, menos mereço ;
calando dou vozes, *calo* e emmudeço,
nada me contradiz e eu *aporfio*.

1. Essa edição chama-se *Segunda Parte*, comquanto Domingos Fernandes fosse o terceiro compilador, porque á de 1598 que encerra settenta e tantas poesias novamente achadas, não deram aquelle titulo, dizendo-a simplesmente *accrescentada*.

Queria *se* ser podesse o impossivel,
queria *poder* mudarme e estou quedo,
usar de liberdade e ser captivo.

Queria que *visto fosse e invisivel*,
queria desenredarme e mais me enredo :
taes são os extremos em que *triste* vivo.

(Ed. 1616, nº 25^b.)

Podem ou devem ser meros erros de caixa 7. *calo* por *falo*; 12. *e* por *o*; e enganos de copista: 1. *algum* por *um*; 7. *calando* por *calo*; e talvez 9. *se* por *que*. Entre as variantes, algumas cingem-se de perto ao texto de Gracian; e outras ao do ms. de Madrid¹.

Na reimpressão da *Segunda Parte*, promovida em 1669 por D. Antonio Alvares da Cunha, vejo emendadas as faltas dos versos 1 e 7 (*em hum tempo e falo*). Além d'isso, notam-se certos aperfeiçoamentos de linguagem (5. *voo*; 8. *e eu porfio*), e os retoques seguintes: 2. *espero e temo, quero e a*; 7. *calando grito*. 9-14:

Queria, se pudesse, o impossivel (1),
poder mudarme a *hum tempo e estar* quedo,
usar de liberdade e ser captivo.

Queria *visto ser e invisivel*,
desenredarme e mais assi me enredo :
taes os extremos são em que *hora* vivo.

(1669, nº 250.)

Não creio tivera á mão um ms. A lição *calando grito*, assim como os tercetos, têm cara de modificações voluntariosas de quem quis sanar incorrecções de dicção e de metro.

Vem agora outro texto, mais sensivelmente remodelado segundo o gosto do sec. XVII, bem differente de todos os mais.

1. Não tenho neste instante ao meu dispôr a edição de 1616, para verificar se lá estão realmente estampados todos. Assim o creio, não encontrando nota em contrario nos meus apontamentos. Encontro-os na reprodução de Juromenha (II, 451) e na de Th. Braga (*Bibl. da Actualidade*, p. 211, nº 130) onde, de resto, vem mais dois enganos: 2: *o quero* — 11: *da liberdade*.

Coytado que em hũ tempo choro e rio ;
 Espero e temo ; quero e aborreço ;
 Juntamente me allegro e *me* entristeço ;
Confio de hũa cousa e desconfio.

Voo sem asas ; estou cego e guio ;
 Alcanço menos no que mais mereço ;
 Então falo melhor quando emmudeço ;
 Sem ter contradição sempre porfio.

Possivel se me faz todo o impossivel ;
Intento com mudar-me estarme quedo
 Usar de liberdade e ser cativo ;
 Queria visto ser, *ser* invisivel,
Ver-me desenredado, amando o enredo,
Taes os extremos são com que hoje vivo.

(Ed. 1685, Tomo I, p. 252 : Cent. II, nº 8.)

Publicado por Manoel de Faria e Sousa, o qual juntou de 1620 até 1645 materiaes espalhados pelas mãos e obras de muitos, mas cujo trabalho só muito tarde veio á luz, esse texto passou para todas as edições posteriores da lyrica camoniana, sem exclusão das *criticas* de Th. J. de Aquino, Juromenha, Braga, e a de Hamburgo, servindo tambem de original aos traductores estrangeiros. Descontente com a pouca elegancia phra-seologica e desharmonia dos versos que encontrou impressos e julgou indignos do príncipe dos poetas, o commentador protesta contra os desleixos e disparates dos que o precederam, e declara expurgá-los, *á vista de varios manuscriptos*. Mas a sua reconhecida arbitrariedade não admite que lhe demos fé, nem tão pouco o character das modificações bastante incisivas que adoptou. Não se restringindo a inversões e pequenos accrescentos, desvirtua em mais de um pormenor a expressão e o sentido, amortecendo as antitheses, certamente intencionaes da primitiva. As queixas contra os editores antigos, bem se vê que não se podem entender com D. Antonio Alvares da Cunha, porque este publicador — que de resto aproveitou muitos dos codices consultados por Faria e Sousa — trabalhou vinte annos apos o seu fallecimento (1649), comquanto a edição de 1669 precedesse a posthuma das

Rimas commentadas. Só dizem respeito a Domingos Fernandes, e aos reimprimidores de 1623, 1632 e 1645.

Anterior a todas ellas, é o texto que descubri numa miscellanea manuscripta, colligida em fins do sec. XVI¹, não sei se antes ou depois do codice de Oxonia : o *Cancioneiro Juromenha*, que encerra exclusivamente obras de quinhentistas peninsulares, na maioria de Portugal. Os pontos em que se destaca da lição de 1616 são os seguintes² : 1. *em hum tempo*; 2. *temo, quero*; 3. *em hũa cousa*; 5. *voo*; 6. *eno que valho mais*; 7. *falo e calo, dou vezes e imudeço* (com transposição do primeiro verbo); 8. *e aprofio*; 9. *queria que tudo fosse invisivel*; 10. *queria poder mudarme, estou quedo*; 11. *gozar de liberdade, estou cativo*; 12. *queria que ser pudesse [o] impossivel*; 13. *mais me enredo*; 14. *tais são os extremos em que vivo*.

Como se vê, ha algumas minucias novas nos versos 3, 9, 10, 11, 12, 13; outras harmonizam com os textos castelhanos (1, 2, 6, 10 (Gracian), 14), e algumas tambem com o de Domingos Fernandes.

Todas essas quatro versões devem, na minha opinião, estar proximas do supposto mas ignorado original, de que se afastam visivelmente apenas as que sahiram da lavra de Alvares da Cunha e Faria e Sousa. Quem fizer o confronto, estando ao facto do processo de restauração, seguido geralmente por ambos, mal pôde duvidar de que a dupla metamorphose por que o soneto passou, seja devida meramente ao trabalho individual dos dois benemeritos, mas em extremo phantasiosos, editores de Camões.

Quanto á precedencia da redacção portugueza á castelhana — ou ao invés — só posso enunciar a opinião subjectiva que os versos castelhanos, tal como os possuimos, embora tambem viciados, sahiram mais correctos e melodiosos, em quanto os

1. Cf. *Zeitschrift*, VIII, 435 e 437.

2. Já a imprimi na *Zeitschrift*, V, 134 (cf. 130).

portugueses parecem tachados de defeitos de rhytmo e de dicção, tantas vezes inherentes a toda a versão textual. — *Nada*, traduzindo *nadie*, em vez de *ninguem*, podia ser fructo de graphia deficiente no original; mas o contrario é igualmente possível. — Se num soneto português o auctor tivesse escripto *tempo*, é provavel que o traductor possesse o equivalente *tiempo*; e não *punto*. Em português, embora *ponto* indique tambem o *momento marcado*, a locução adverbial *em um ponto* não é usada, salvo erro¹. O ultimo verso do soneto parece-me de maior importancia. A contagem de *taes* por *duas* syllabas, no texto que lemos no Cancioneiro Juromenha, litteralmente igual á hespanhola, só admissivel em textos archaicos, e necessariamente considerada defeituosa pelos escriptores classicos dos sec. XVI e XVII, que por isso se viram obrigados a introduzir mais uma syllaba², falla a favor da redacção castelhana. Mas nunca devemos esquecer que o Camões, infelizmente, não nos deixou redacção definitiva, fidedigna, do seu Parnaso, sendo preciso recolher pouco a pouco textos derivados, faltos da ultima lima e ás vezes muito estragados pelos copistas.

Comquanto creia original a versão castelhana, ainda assim Luis de Camões, o unico poeta que até hoje foi apontado, podia muito bem ser o auctor, cujo texto algum inexperiente colleccionador patriota se lembrou de nacionalizar — caso este que talvez succedeu mais vezes do que julgamos, e que explicaria muitas anormalidades de redacção. Na primeira edição das *Rimas* (1595) não ha nenhum soneto castelhano, já o deixei estabelecido em outra parte. Nem tão pouco na 2^a. *Nem na 3^a de Domingos Fernandes*. Havia portanto empenho evidente e natural de só reconhecer como legitimos os textos portuguezes — empenho que póde ter levado a pequenas fraudes como a que

1. Diz-se *no mesmo ponto* e *a um ponto*.

2. *Triste — hoje — hora*. Na *Zeitschrift* tambem tentei rectificá-lo, acrescentando [*hora*], como Faria e Sousa.

conjecturo. Só Alvares da Cunha e Faria e Sousa não tiveram escrúpulos a tal respeito, nem deviam tê-los, porque é certo que o Poeta manejava igualmente bem os dois idiomas¹. Certo ainda, que o caso opposto tambem aconteceu. Sonetos seus, originariamente portuguezes, correm *traduzidos, e muitas vezes melhorados*, em florilegios castelhanos, ora com indicação do seu nome, como nas *Flores de Poetas Ilustres de España*, de Espinosa²; ora anonymos como na *Poetica Sylva* da Bibliotheca Campomanes³; ora attribuidos redondamente ao traductor, como no caso de Luis Martin de la Plaza, nas já citadas *Flores*⁴. O facto de o soneto em questão vir nas rimas de Camões, de ha tanto tempo, sendo colhido por quem foi, é com duvida alguma, tambem significativo. Mas ainda assim não é decisivo, estando sabido que os editores procederam todos com escasso criterio e insufficiente cuidado, colligindo, sem verificação, não só versos alheios, registados erroneamente em nome de Camões, embora andassem impressos em nome de outros quinhentistas, mas tambem poesias que encontravam anonymas, sempre que as julgavam dignas de figurarem entre as suas obras. E Domingos Fernandes, comquanto

-
1. Basta remetter á *Egloga I* que é innegavelmente sua.
 2. Nº 158 : *Horas breves de mi contentamiento*. EL CAMOES.
 3. Gallardo, *Ensayo* nº 1051 :

*Dulces recuerdos de passada gloria.
Está lascivo el dulce pajarico.
Está la primavera trasladando.
Hermosa y gentil Nise quando veo.
Quien puede libre ser, dulce señora.
Todo animal en calma sesteaba.
Yo cantaré de amor tan dulcemente.*

4. *Segunda parte*. Nº 70. *Subido en la mitad del cielo ardía.*
 81. *Memorias tristes de la alegre gloria.*
 82. *Elisa los vestidos revolvía.*
 84. *Si quando te perdí, dulce esperanza.*
 86. *Si contra mí, señora, os conjurasteis.*

em muito menores proporções que Alvares da Cunha e Faria e Sousa, não está inteiramente isento de culpas ¹ d'essa ordem.

No Cancioneiro Juromenha nada se diz acerca do auctor. O soneto faz comtudo parte de um grupo de quatro, escriptos sem intervallo algum, como que formassem um unico poema, o qual tem a epigraphe *Trovas de um preso, dizendo o mal que fizera e lamentando fortuna e tempo*. E um d'elles é legitima propriedade de Camões, pois figura nas Rimas de 1598; e até hoje sem contestação! Este indício seria de valia capital, se ao titulo correspondesse realmente o conteudo, o que não acontece ².

A unica cousa que fica provada é portanto que antes da data da colleccionação da mais antiga miscellanea que encerra o soneto, já elle andava junto a outras obras de Camões, num album qualquer e em redacção portuguesa; e tambem, que não há ninguem que até hoje o possa reclamar como seu, com mais direito que Luis de Camões.

Não me occupo da questão se existe algum modelo italiano (que por ventura dirimiria a contenda sobre a anterioridade de uma ou outra versão), obra de algum petrarquista que, inspirado pelos trechos em que o cantor de Laura havia exposto os efeitos contradictorios do amor, como p. ex. no muito imitado soneto

*Pace non trovo e non ho da far guerra,
E temo e spero, ed ardo e son un ghiaccio,*

os paraphraseava livremente, entretecendo reminiscencias de outros sonetos, como *cantai or piango* ou *piansi or canto*. — Por ora procurei-o de balde.

1. Na edição de 1616 ha apenas cinco composições duvidosas. — Na de 1595 conto 11 apocryphos; só um na de 1598; mas 31 na de Alvares de Cunha e mais 41 na de Faria e Sousa. (72 se incluímos os que são communs a ambos.

2. V. *Zeitschrift*, VIII, 444. — Nem mesmo é provavel que a allusão a *prisões*, no primeiro ramo, se refira ao facto positivo do encarceramento.

II. *Mi alma y tu beldad se desposaron* (128)

Lição muito imperfeita. No verso 2º *testigos* deve ser erro de leitura por *terceros*. O 4º, que falta no ms. madrileno, dizia provavelmente : *quando de si seguros estuvieron*. No 7º *se está* por *le*. No 9º *pueblo*, em rima com *celo agüelo*, é inaceitavel. A verdadeira lição é *suelo*. Do 10º direi depois, 'ao fallar dos tercetos, os quaes, como em geral, sahiram menos perfectos, são de mais difficil explicação que as quartetas, e foram por isso mesmo mais retocados por editores de pouca sciencia e consciencia.

De onde conheço as variantes, com ajuda das quaes estou a restaurar o texto ? Novamente das obras de Camões onde, d'esta feita, se acha a propria redacção castelhana. O primeiro a recolhê-la foi Faria e Sousa. O publico a lê portanto desde 1685 — valha a verdade, sem a perceber. A darmos fé aos seus dictos, o colleccionador teve á vista dois manuscriptos, em um dos quaes ia o soneto assignado pelo Dr Aires Pinel, vindo comtudo com muita differença na segunda metade, e alguma na primeira. Como Faria e Sousa não communica epigraphe alguma em que se nomeie Luis de Camões como auctor, nem mesmo affirma positivamente que « o outro ms. » o citava, quem quiser pode entender que só o leu num unico ms. ; que o texto não era muito diverso da vulgata ; e que, satisfeito com o valor poetico da primeira estrophe, Faria e Sousa foi reformando e pulindo o resto, afim de o reclamar e empalmar para o seu poeta. E creio que não se enganava, não formando impedimento que em um ms. se notem concordancias com algumas das lições de Faria e Sousa (nos versos 2, 9 et 10). Seria estranhavel se em frente de *duas* redacções diversas, a sua perspicacia falhasse tão completamente, como aconteceu ! Mesmo em frente de uma só é para admirar imprimisse o seguinte :

Mi *Gusto* y tu Beldad se desposaron,
Terceros por mi mal mis ojos fueron :

Su logro ha sido tal que al fin hizieron
 Un hijo hermoso a quien Amor llamaron.
 Tan fuera de compas le regalaron
 Que, quando mas alegres estuvieron,
 Sin entender el mal que produxeron
 Perdidos por amores se miraron!
 La Beldad desposada deste suelo
 Vino a parir un monstro con dos alas;
 La Madre a la soberbia, es nido el zelo. (sic.)
 O Madre que a tu Hijo en todo igualas,
 Quien mortal haze al immortal Abuelo
 Y al Padre mortal dá immortales salas. (sic.)
 (Rimas, I, p. 330ª : Cent. III, nº 18.)

Reprodutores posteriores como Th. J. de Aquino, Juro-
menha, Th. Braga rectificaram o verso 11, viciado por dois erros
(talvez de caixa), lendo

La madre es la soberbia, el niño el zelo 1;

e escreveram *zalas*, em lugar de *salas* 2. Mas deixaram intacto o
erro *perdidos* e *se*; além d'isso substituíram *suelo* por *duelo*,
reproduzindo sem pestanejar o resto dos extravagantes e
ineptos tercetos. Com relação ao ms. madrileno, *terceros* no verso
2º é a única lição que lhe serve de emenda.

Vejamos agora outro ms. português, porque também neste caso
subsiste no país uma miscellanea de versos que encerra o soneto.
É propriedade da Academia das Sciencias de Lisboa, onde tem a
marca *3 E 1-4*, e anda appensa a uma novella hespanhola,
impressa em 1586 3. Descoberto por Th. Braga, esse cancioneiro
fragmentario do sec. XVI forneceu para uma edição de poesias
lyricas de Camões, consagrada á commemoração do Tricente-
nario 4, uma serie de *ineditos*, na maioria mais discutíveis e menos
camonianos ainda do que a poesia de que trato 5.

1. A confusão entre *ninbo* = *niño* e *ninbo* = *nido* mal pode ser obra de Faria e Sousa.

2. Creio pensaram em *zalá*!

3. *La Historia de Rosian de Castilla*.

4. *Parnaso de Luiz de Camões*, 1880.

5. *V. Zeitschrift*, V, 393-402.

A lição do ms. academico ¹ cinge-se de perto ao madrileno, dizendo no verso 1º *mi alma*, no 4º *un dulce hijo*, no 11º *la embidia*. Além de rectificações ou antes copias exactas das lições legítimas (2. *terceros*; 6. *le hizieron*; 7. *Quando de si seguros estuvieron*; 9. *suelo*) noto apenas a variante lingüística 13. *abuelo*, e no verso 5. *Y tanto sin compas le regalaron*, e depois a differença nas rimas do verso 10. *un monstro con dos azas* ²; 12. *aplazas*, e 14. *bazas* ³.

Confrontando as tres redacções, bem se vê que o commentador tentou restaurar a sua ⁴ (duvido fosse quem antes d'elle trasladou o soneto). Imaginando lêr no verso 10 *azas*, substituiu o supposto lusismo por *alas*, vendo-se em seguida obrigado a refazer o resto. Tambem a variante do verso 1º — substituição, e essa muito racional, de *mi alma* pelo masculino *mi gusto* — e ainda a do verso 3º, que não tem prestimo, parecem da lavra do commentador, o qual confessa, de resto, não comprehender os tercetos ⁵.

Antes de enunciar o que d'elles penso, importa dizer quem é o *Dr. Aires Pinel*, ou (em Portugal) *Pinhel* ⁶. Jurisconsulto de fama, bacharel por Salamanca, mas doutorado em Coimbra, lente, em vida de D. João III, na universidade portuguesa e posteriormente na castelhana, auctor de obras latinas de erudi-

1. *Ib.*, p. 132 e 401, copia do nº 366 do Parnaso.

2. Em harmonia com o texto de Faria e Sousa estão : *terceros*, *suelo* e *un monstro con dos azas* (respectivamente *alas*).

3. Fico incerta se Th. Braga leu bem, ou se deixou influenciar-se por Faria e Sousa. De resto, Braga não conferiu as duas lições que publica no mesmo volume (nº 256 e 366) e no *Parnaso*.

4. As concordancias parciaes ora com o ms. madrileno, ora com o lisboense (no verso 5), provam apenas que o ms. de Faria e Sousa differia um pouco de ambos.

5. « Estos ocho versos estan bonissimos y claros : los seys ultimos necesitan de explicacion que para mí es difícil. »

6. V. Nicolas Antonio, I, 132, ed. 1672; Th. Braga, *Historia da Universidade*, I, 461 e 585; *Id.*, *Hist. Cam.*, II, 264.

ção ¹, foi ridicularizado pela espinhosa obscuridade da sua exposição, *porque tudo nelle eram abrolhos* ². A prova de que tambem se ensaiou em versos castelhanos, lá pelos annos de 1552-54, possuímo-la em um soneto á entrada da princesa D. Juana de Castella ³. Pelo que sei, falleceu antes de 1570. A todos os respeitos o soneto pode portanto ser obra sua.

E não seria de todo impossivel que um douto mas confuso professor luso-castelhano baralhasse as duas linguas, pondo *asas* por *alas*, em cata de rima. Duvido, porém. E duvido que elle ou outrem, querendo caracterizar un monstro, lhe desse como unico distinctivo um par de asas! de mais a mais depois de ter nomeado o Amor, que mesmo na cantiga popular é, de costume,

1. A principal, intitulada *Ad Rubricam et Leg. II C. De rescidenda venditione Commentarii* foi impressa em 1557 e 1570.

2. Vid. Leitão de Andrada, *Miscellanea*, p. 13. Eis a anecdota que conta, a respeito do famoso parque dos Cruzios de Coimbra e seu *jogo da bola* ou *laranginha*: « ...jogando em Coimbra a laranginha Martim Gonçalves da Camara (que depois foi grande privado del Rei Sebastião e presidente do Desembargo do Paço), sendo clerigo, com o Dr Thomas Rodrigues, Lente de Prima de Medecina por parceiro contra D. Jeronymo de Menezes, Reitor da Universidade que depois foi Bispo do Porto, com outro. E o dito Dr perdeo e ficou devendo um tostão ao Reitor : o qual dahi a outro dia lhe mandou pedir huma certidão, e elle lha mandou com hum par de perdizes e esta trova :

Das perdizes o singel
co vintem da certidão
pagam mui bem o tostão,
pondo de casa o papel.
Não serei mais cascavel ;
que o parceiro que tomar
mais olhos m' ha de mostrar
que o livro de Ayres Pinel.

Porque o parceiro Martim Gonçalves da Camara o fez perder por ser muito curto de vista, e o não queria confessar. E o livro de Ayres Pinel que então sahira, tudo nelle eram abrolhos ».

3. *El aguila imperial, el dechado*. — Cod. Ebur. CXIV, 2-2, V f. 155. Letra do principio do sec. XVII. — V. *Cat. Man. Bibl. Mun. Eborensis*, vol. III, p. 111.

alado. E duvido principalmente da authenticidade das rimas *aplazas* e *hazas* (?), não menos anormaes e improprias que as do ms. madrileno : *desazes* (?) *aplazes hazes*; e as do texto souseano : *alas igualas zalas* ou *salas* (?).

O melhor será tentarmos entrar primeiramente na concepção do poeta, para em seguida adivinhar a forma de que a revestiu. A filiação por elle ideada é esta. *Meu gosto* (*mein Wunsch*) — (ou *minha alma*) e a tua formosura se alliam, procreando um filho. Este, amimalhado e mal-educado, travou relações com uma fera humana, a mais nefanda d'este solo terráqueo : a *enveja* (ou, segundo Faria e Sousa, a *soberba*; eu preferiria *die Begierde*) — enlace de que nasceu o *ciume*. Este *niño*, com quanto monstruoso, é o Ai-Jesus da maldosa e tambem monstruosa mãe, exactamente porque, matando (*torna mortal*) de um lado seu avô (*meu gosto*) torna immortal ao pae (*o amor*)¹.

Se tal for o sentido requintado do soneto (da lição de Faria e Sousa não sei tirar algum), as rimas *hazes* e *aplazes* (i.é *agradas*) satisfazem. Trata-se pois de descobrir um termo em *-azes*, proprio para distinguir o *celo*. Como não estou a brincar, não armo o monstrozinho de *tenazes*, nem lhe afeio o rosto de *gilvazes*. Mas muito a serio pergunto, se o poeta terá attribuido ao ciume *duas caras*, pondo *de dos hazes*², como se o chamasse refalsado traidor?

Creio que, emendando uma unica letra, acertei com felicidade.

III. Con tiempo el año, el dia, el mes, la hora (106)

e

Con tiempo passa el año, mas la hora (106 bis).

Tambem aqui o texto apparece avariado. A falta de duas rimas nas 14 linhas de um soneto fere os ouvidos desagradavel-

1. W. Storck (219) não o entendeu assim, no empenho de não se afastar muito do desastroso texto souseano; mas bem, Louis von Arentschildt (nº 218).

2. A locução *de dos hazes* ou a *'dos hazes* é usadissima, como todos sabem.

mente. No verso 3 eu leio instinctivamente *riqueza* onde vejo estampado *gallardia*. No 12º *blanca*, em vez de *fria*. Mas não posso apoiar as minhas emendas, remetendo o leitor a impressos ou manuscriptos portuguezes, como succedeu com relação aos outros dois sonetos, cuja evolução historiei.

Não que na litteratura d'este pais, e na de Castella, haja falta de sonetos sobre a acção destruidora e reedificadora do tempo, que se distingam exteriormente pela repetição em cada um dos versos, ou de dois em dois versos, do vocabulo *tempo* ou da formula *con tiempo* ou *con el tiempo*, acabando por um encarecimento, quer seja da immutabilidade da paixão amorosa do rimante, quer da crueza da amada; ou então com um suspiro saudoso porque o passado nunca mais torna. Mas todos quantos conheço são variações *independentes*, bordadas a capricho sobre o mesmo thema eterno.

Ainda assim, como alguém poderá gostar de conferir as exclamações patheticas que tenho á mão com outras que por ventura encontre (porque são infinitas), fallarei das que mais se aproximam dos exemplares dados a conhecer nesta Revista.

1. Um soneto *Do Tempo* apparece nas Rimas de Camões, onde os compiladores juntaram amostras de todos os pannos poeticos, talhados em forma epigrammatica desde Petrarca até Gongora e Lope. Desdenhado pelos editores antigos, foi acolhido por Juromenha, e não regeitado por Th. Braga, embora elle soubesse perfeitamente, qual entre os successores de Camões é o verdadeiro auctor ¹.

Com o tempo o prado seco ² reverdece,
 Com o tempo cae a folha ao bosque umbroso,
 Com o tempo pára o rio caudaloso,
 Com o tempo o campo pobre se enriquece.
 Com o tempo hum louro morre, outro florece.

1. *Hist. Cam.* II, 312 et 316.

2. *Verde*, na *Bibl. da Act.* é lapso de copista.

Com o tempo hum he sereno, outro invernosos,
 Com o tempo foje o mal duro e penoso,
 Com o tempo torna o bem ja quando esquece.

Com o tempo faz mudança a sorte avara,
 Com o tempo se aniquila hum grande estado,
 Com o tempo torna a ser mais eminente.

Com o tempo tudo anda, e tudo para,
 Mas só aquelle tempo que he passado

Com o tempo se não faz tempo presente.

(Juromenha II, nº 316; Braga nº 346.)

Como obra de Baltasar Estando este mesmo texto não figura sómente na edição dos versos d'este camonista ¹, com a epigrapha *Do Tempo* ², mas ainda em varias miscellaneas, entre as quaes merece menção especial o *Cancioneiro A. F. Thomas* (f. 25^v) ³. Na collecção de *Apophthegmas* do Padre Suppico, vae attribuido mais vagamente a um discreto ⁴.

2. Outro soneto, de artificio identico, mas de indole diversa, — anonymo e bastante deturpado — passou igualmente para as obras de Camões, sem mais motivo que não seja o de preceder no Cancioneiro Juromenha aquelle que principia *Coitado que em um tempo choro e rio*, formando o ramo segundo das *Trovas de um preso*, a que já me referi ⁵.

O tempo está vingado á custa minha
 do tempo que no tempo não hei olhado.
 Triste de quem do tempo em tal estado
 [Era] que todo o tempo não temia.

Bem me castigou o tempo e a porfia
 de haverme com só o tempo descuidado;
 pois tão sem tempo o tempo me ha deixado
 que ja não espero tempo de alegria.

1. Lisboa, 1604, f. 32.

2. A' maneira antiga emprega a contracção de *com o* em *co*.

3. Ha ahí uma unica variante: 12: *corre* (em vez de *anda*).

4. Ed. 1761, vol. II, 26.

5. *Zeitschrift*, VIII.

Passaram horas, tempos e momentos
 que pudera do tempo aproveitarme
 para escusar com tempo meu[s] tormento[s].

Mas pois eu quis do tempo confiarme
 sendo o tempo de (des)vario[s] movimento[s],
 de mim, que não do tempo posso queixarme!

(Cancioneiro Juromenha f. 75^o; Ed. Jur. 312; Braga 344.)

Logo o primeiro verso indica, de resto, que a poesia teve originariamente redacção castelhana. *Mia* por *minba*, na 2^a metade do sec. XVI, teria sido archaísmo tão estranhavel como a simples assonancia *minha alegria* numa composição artistica. Mas por ora não sei indicar o original castelhano d'essas queixas sobre o tempo malgastado.

3. Baltasar Estaço é auctor da seguinte palinodia, em que joga ingenhosamente, como no anterior, com o duplo sentido da palavra *tempo* (*Zeit* e *Wetter*).

De tempo em tempo tudo vay andando,
 o tempo sem por tempo vay correndo; (*sic*)
 sem tempo não se vam os tempos vendo,
 por tempo o tempo vay profetizando.

Do tempo o tempo só pode ir falando,
 a tempo se pode ir o tempo erguendo,
 co tempo se vam tempos entendendo
 que o tempo varios tempos vay mostrando.

Nunca o tempo perdido he mais cobrado,
 que, se o tempo nos tira o que é presente,
 mal podé dar o tempo o que é passado.

O tempo gaste bem todo o prudente,
 que se o tempo que passa he bem gastado,
 todo o tempo passado tem presente.

f. 20.

4. É duvidoso quem seja o inventor do seguinte brinquinho, que deve datar do fim do século e annuncia a era dos cultistas e conceptistas :

O tempo já de si me pede conta,
 he necessario dar-se á conta tempo;

que quem gastou sem conta tanto tempo,
como dará sem tempo tanta conta?

Não quer levar o tempo, tempo em conta,
porque conta não fez de dá-la em tempo,
onde só para a conta havia tempo
se na conta de tempo houvesse conta.

Mas que conta dará quem não tem tempo?
Em que tempo a dará quem não tem conta?
Que quem á conta falta, falta o tempo.

Vejo-me sem ter tempo e com ruim conta,
sabendo que hei de dar conta do tempo,
e que se chega o tempo de dar conta.

Ed. 1629.

Ha varios pretendentes. Leitão de Andrade aproveitou o bem alheio, guardando silencio sobre o auctor a quem pertence, como é seu costume ¹. Num volume eborense, quem o assigna é um habil imitador de Camões : Martim de Castro, do Rio ², a quem Faria e Sousa, e outros, tiraram mais de um soneto para o adjudicar ao mestre ³.

Em vista d'estes dois textos portuguezes, do sec. XVI, ou do primeiro quartel do XVII, estamos auctorizados a ter em conta de versão um que surge muito mais tarde, no meio de uma obra manuscripta, em prosa castelhana : a descripção da viagem á cidade de Argel, emprehendida em 1670 por Frei Bartholomé Serrano ⁴. Mais una illustração do costume do povo vizinho de recolher e apurar esboços portuguezes, a qual deverá ser junta pelo leitor ás que mencionei no primeiro d'estes tres ensaios ⁵.

1. *Miscellanea*, p. XVIII.

2. *Cod. Ebur. CXIV/2-2 f. 234^v* : *Pedeme de si mesmo o tempo conta.* — *Cat. III. 97.*

3. *Achome da fortuna salteado.* — *A peregrinação de um pensamento.* — *Lembranças de meu bem, doces lembranças.* — No Parnaso ha outro do Fluminense : *Quando da vossa vista me apartava.*

4. Vid. Gallardo, IV, c. 598, nº 3924.

5. Principia : *Pideme de mi mesmo el tiempo cuenta.* As variantes são numerosas e interessantes. Para tirar resultados certos é porém preciso consultar

5. Nas *Obras ineditas* do quinhentista Pedro da Costa Perestrello, publicadas sem a minima critica por Antonio Lourenço Caminha, ha um soneto *A conta que devemos dar a Deos*, que é uma livre imitação, transposta *ao divino*, do que copiei. Não sei se foi inventada realmente por Perestrello ou colhida em qualquer parte pelo industrioso e pedantesco professor de rhetorica.

Dos annos mal-gastados pede a conta
aos mortaes o grão senhor do tempo ;
a conta é larga, e tão breve o tempo
que não ousam chegar a lhe dar conta.

A despesa não tem ordem de conta,
perdemse as horas e perdeuse o tempo,
e para se ganhar não he ja tempo,
que a pressa não lhe deixa dar boa conta.

Culpa he dos homens, mas não he do tempo,
em deixar, quando podem, de dar conta,
guardando-a por descuido a pior tempo.

A vida corre e não discorre a conta,
mas no fim correrá fora do tempo,
com nome de castigo, e não de conta.

(Ed. 1791, p. 80. 1)

6. Outro, bem diverso, e este inedito, do seiscentista João Ribeiro, figura no opulento Cancioneiro de A. F. Thomas (f. 33).

Como poderá dar do tempo conta,
quem em versos sem conta gasta o tempo ?
quem faz sonetos só de conta e tempo
será homem do tempo, e não da conta ?

Não se pode em tal tempo fazer conta
de homens que tam má conta dão do tempo,
que inda que faça d'elles conta o tempo,
não sabe o tempo ja de quem faz conta.

o cancionero eborense, e conferir as tres redacções, o que não posso fazer agora.

1. Juromenha introduziu nas obras de Camões um soneto em que se joga só com a palavra *contas* (305).

Não ha no mundo conta nem ha tempo
que possa dar de tanto tempo conta,
perdido sempre em conta e sempre em tempo.

Não he o tempo para tanta conta,
e quem sente perder sem conta o tempo,
porque não gasta o tempo em tempo e conta?

7. A variante tirada por Foulché-Delbosc da *Silva Curiosa* de J. I. de Medrano, fôra anteriormente encontrada por Juromenha em um dos manuscritos do sec. xvii que explorou, e vem communicado nas *Notas* com que acompanhou os textos camonianos ¹. As variantes que offerece são attendiveis, e mostram mais uma vez como estes logares communs se iam transformando, ao passar de penna em penna. 1. *mes y hora*. — 2. *el mundo*. — 3. *passa fama*. — 4. *el que es alegre gime y llora*. — 5. *cubre noche clara aurora*. — 6. *el arbol pierde*. — 7. *quita el bien naturaleza*. — 8. *el que es servido a otro honora*.

9-14. *Con tiempo no[s] dá luz la blanca aurora,
con tiempo el duro yelo es agua clara,
con tiempo el cielo de calor se esmalta.*

*Con tiempo pierde el sol su curso y para,
Con tiempo en mar tranquilo ay gran(de) fortuna,
Y en mi nunca el amor con tiempo falta.*

As emendas entre parentheses são minhas. Está visto que no verso 5º é preciso substituir *aurora* por *luna*.

8. Em Hespanha a colheita em sonetos *Al tiempo* — *Del tiempo* — *Poder del tiempo* — *Al tiempo malgastado*, não é escassa. Para concluir com a nota que devia ser dominante em estudos desta ordem, lembrarei unicamente que um afamado soneto de Lope de Vega, talvez o mais conhecido entre todos, e que principia

Con el tiempo el villano a la melena ²

1. Juromenha, II, 493.

2. Impresso duas vezes na *Bibl. de Aut. Esp.* (XLII, 26, e XXXVIII, 384) e ultimamente nas realmente bellas *Flores de Poetas Ilustres* (nº 146).



é traducção de um original italiano, que era novidade em 1504 :

Col tempo el vilanell al giogo mena.

Seu auctor, Panfilo Sasso di Modena (m. 1527) é continuador da maneira d'aquelle Serafino dell' Aquila (m. 1500), com quem susteve relações pessoaes e litterarias um dos primeiros poetas bucolicos da peninsula, o portuguez Henrique (ou Hermigio) Cayado!

9. Reminiscencias de Panfilo (ou de Lope) existem no 118º dos *Sonetos Anonymos*, se não me engano.

10. Disse que concluia. Mas nisso vem-me á memoria um bello inedito de Camões em que o poeta, virando-se para tras, aos dias irremediavelmente perdidos da leda mocidade, cantou assim, cheio de saudades :

Já tempo foi que meus olhos folgavam
de ver os verdes campos graciosos ;
tempo foi já tambem que os sonoros
ribeiros meus ouvidos recreavam.

Foi tempo que nos bosques me alegravam
os cantares das aves saudosas,
os freixos e altos álemos umbrosos,
cujos ramos por cima se juntavam.

Permanecer não pude em tal folgança ;
não me pôde durar esta alegria ;
não quis este meu bem ter segurança.

Ainda neste tempo eu não sentia
do fero amor a força e a mudança,
os laços e as prisões com que prendia.

(Cancioneiro A. F. Thomas, f. 156. *De Luis de Camões.*)

11. E taes recordações intimam-me a desilludir o leitor, com respeito a outro soneto parecido — deturpadissimo na lição de Juromenha e Braga — que igualmente principia *Já tempo foi que meus olhos traziam*, (com modificação apenas da consonancia) ¹, manifestando-lhe que não é do grande poeta, mas do

1. Braga, nº 302.

seu Mecenas, D. Manoel de Portugal ¹, o illustre venerador de D. Francisca de Aragão, de que outro dia entretive longamente os leitores d'esta publicação ².

Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

1. Pelo menos no Canc. A. F. Thomas, f. 152.

2. O artigo a que alludo, e se refere ás *Poesias de Andrade Caminha*, ficou reservado para outro fasciculo d'esta *Revista*.

